

125

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
CURSO INTENSIVO DE PEDAGOGIA – HABILITAÇÃO NAS
SÉRIES INICIAIS - REDE UNEB – 2000.**

**A inserção de diferentes instrumentos de
avaliação na escola.**

Mundo Novo

2001

125

**Dilma Gonçalves Santana
Ivaneide Oliveira Santos
Janilde Sales dos Santos
Vanusa Souza Queiroz**

**A inserção de diferentes instrumentos de
avaliação na escola.**

Profª. Orientadora:

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula

Mestre em Educação

Trabalho monográfico apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia, habilitação nas séries iniciais do Ensino Fundamental, pelo Departamento de Ciências Humanas Campus IV, Jacobina, núcleo Mundo Novo.



Mundo Novo
2001.

UNEB - DEP. IV - JAC

“Enquanto a avaliação permanecer atrelado a uma pedagogia ultrapassada, a desistência ao estudo permanecerá, e o aluno, o cidadão, o povo brasileiro continuará escravo de uma elite intelectual, voltada para os valores da matéria, e ditadora, fruto de uma democracia, opressora. Liberte seu aluno e se liberte com ele, da escravidão dos dados estatísticos”.

Ilza Martin Sant’Anna

Dedicamos este trabalho aos educadores do Ensino Fundamental do Município de Mundo Novo, na certeza de que a partir deste possam rever sua prática avaliativa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por nos ter concedido a oportunidade de realizarmos este trabalho.

Aos nossos pais pelo incentivo, apoio, carinho e sacrifício que fizeram em todos os momentos das nossas vidas, oportunizando a perspectiva de um futuro promissor.

Aos nossos amigos, pelo incentivo e compreensão.

Aos professores do Curso de Pedagogia, especialmente a professora Ercília pela atenção, carinho e por não ter medido esforço na orientação do nosso trabalho.

A Coordenadora Eliene Maria da Silva Barbosa e Antenor Rita Gomes pelo carinho, incentivo, empenho e pelas palavras de estímulo.

As professoras entrevistadas que colaboram de forma preciosa para a realização do trabalho.

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa se propôs a analisar e compreender os diferentes instrumentos de avaliação utilizados na escola para buscar reconhecer a intencionalidade implícita destes no processo de ensino e aprendizagem. Após nos certificarmos ou confirmarmos a sua intencionalidade, procuramos mostrar um encaminhamento que possibilite uma transformação de tal situação. Nossa pesquisa ocorreu através de entrevistas realizadas com professoras das séries iniciais e ensino médio, para compreendermos suas concepções sobre avaliação. Consideramos que, nas diferentes etapas da avaliação, o avaliador e o avaliado precisam assumir o compromisso de serem agentes de decisão na construção de resultados significativos da aprendizagem, os quais são imprescindíveis no processo educativo.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1.....	10
QUE TIPO DE AVALIAÇÃO TEM SIDO APLICADA NAS ESCOLAS?.....	10
CAPÍTULO 2.....	14
OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO EM DIFERENTES CONCEPÇÕES DE ENSINO.....	14
CAPÍTULO 3.....	18
METODOLOGIA.....	18
3.1 – Procedimentos Metodológicos.....	18
3.2 - Instrumentos utilizados.....	18
3.3 – Caracterização das Escolas.....	19
3.4 – Caracterização das Professoras.....	22
CAPÍTULO 4.....	26
ANÁLISE DOS DADOS.....	26
4.1 A utilização dos diferentes instrumentos avaliativos.....	26
4.2 A prática avaliativa em diferentes concepções.....	27
4.3 O descaso do Estado em relação à educação.....	29
4.4 O descuido dos pais com a educação de seus filhos.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXOS.....	37

INTRODUÇÃO

A avaliação tem sido vista, na maior parte das escolas do Brasil, de maneira classificatória, onde as notas, muitas vezes, funcionam como mecanismos de exclusão de algumas crianças que participam das atividades escolares e não conseguem atingir os objetivos propostos na avaliação. Por este motivo sentimos a necessidade de realizarmos um trabalho de pesquisa sobre os instrumentos de avaliação. Sabemos que eles não se esgotam em testes, provas e exames finais.

Normalmente, as maiorias das avaliações são autoritárias e classificatórias, como aquele cunho de apenas constatar e não intervir para mudar.

A avaliação tradicional que ainda é freqüente nas escolas, do ponto de vista pedagógico pode provocar dificuldades para aqueles alunos que ficam mais preocupados com a nota, do que em aprender. Mas não devemos eliminar a nota, o que precisamos é relativizá-la e fazermos uma avaliação diagnóstica.

Porém, o professor precisa ter cuidado para não ficar só no diagnóstico, pois se ele ficar só nesse processo, não avança em suas propostas pedagógicas, perdendo o escasso e precioso tempo escolar de que dispõe, no qual poderia estar melhor observando seus alunos.

Por isso, é importante que a avaliação seja realizada em diferentes momentos, em situações variadas, respeitando a singularidade dos alunos. É preciso valorizar a diversidade das inteligências e competências destes seres humanos.

Kátia SMOLE (apud Charles Hadji.2000.p.48) afirma que: “o pressuposto de que existe uma inteligência padrão está ultrapassado”. Segundo ela, o que acaba ocorrendo são desvios no objetivo maior da escola, que é ensinar, ao sentenciar que uns são mais capazes e outros, menos; o saber fica em segundo plano.

Cabe a escola avaliar, antes, as especialidades das inteligências de seus alunos. Somente vendo o aluno como um todo, de forma global, sem estabelecer distinção entre área afetiva, cognitiva e psicomotora, é possível realizar uma avaliação significativa.

A intenção desta monografia está expressa nos seguintes objetivos:

1. Verificar a contribuição dos diferentes tipos de instrumentos de avaliação para os alunos em algumas escolas de ensino básico de Mundo Novo – Bahia;
2. Identificar as causas determinantes das dificuldades encontradas pelos professores na aplicação dos instrumentos de avaliação do ensino – aprendizagem;
3. Compreender os diferentes instrumentos de avaliação na escola para reconhecer a intencionalidade implícita no ensino – aprendizagem.

Visando atingir tais objetivos o trabalho ficou assim organizado:

No Capítulo 1º, portanto, serão abordados os tipos de avaliação realizados nas escolas brasileiras.

No Capítulo 2º, serão apresentados os instrumentos de avaliação utilizados na Pedagogia Tradicional e Construtivista e suas implicações no ensino.

Será descrita no Capítulo 3º a metodologia utilizada.

Dando continuidade ao trabalho, no capítulo 4º iremos apresentar a análise dos dados que foram coletadas junto a algumas educadoras atuantes de escolas Municipais, Estadual e Particular do Município de Mundo Novo, com a intenção de verificarmos a utilização da avaliação em suas práticas pedagógicas.

E finalmente, nas considerações finais, foram registradas reflexões e sugestões pertinentes ao tema em estudo.

CAPÍTULO 1

QUE TIPO DE AVALIAÇÃO TEM SIDO APLICADA NAS ESCOLAS?

Observamos que ainda predomina nas escolas brasileiras a avaliação através de testes e provas realizadas ao final de cada unidade de ensino. Não estamos aqui para condenar estes instrumentos citados, mas sim, a maneira como são utilizados. Como já descrito anteriormente, esses instrumentos, na maioria das vezes, são utilizados de forma autoritária e arbitrária.

São autoritários quando são utilizados como punição de algo que o aluno fez e que o professor julga errado.

São instrumentos arbitrários, quando são elaborados de maneira que não possibilitam o aluno a entender o enunciado e não conseguem apresentar o resultado almejado pelo professor.

Através desses resultados, são atribuídos notas ou conceitos registrados no diário de classe e ao final do ano, obtém-se uma média que será utilizada para aprovação ou reprovação do educando na série de escolaridade em que se encontra.

Segundo LUCKESI (1999): *"A avaliação não deve ser utilizada simplesmente como um instrumento para aprovar ou reprovar o aluno, mas sim um instrumento de diagnóstico que permite o professor rever sua prática ficando atento no nível de aprendizagem dos alunos."* (LUCKESI, 1999, p. 81)

Em sua grande maioria, os professores se preocupam basicamente com a nota que é exigida pelo sistema educacional, e não com a qualidade da aprendizagem dos alunos, importando-se muitas vezes, somente com o dado quantitativo. Um exemplo disto, no Município de Mundo Novo, que conhecemos melhor, é sabido que, quando em uma unidade, o aluno não consegue a média exigida pela escola, o mesmo tem chance de refazê-la para alcançar a nota mínima que é 5, e com isso pode ser aprovado.

Consideramos que o fato deste aluno ter conseguido alcançar a nota mínima, não significa que ele incorporou os conteúdos trabalhados na escola.

A pedagoga Jussara HOFFMAM (1994) define a avaliação como:

Uma das mediações pela qual se encorajam, a provação na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista trocando idéias, reorganizando-os (HOFFMAM, 1994, p. 67)

Avaliar, portanto, é parte da ação pedagógica, sendo a base da reflexão sobre o processo de aprendizagem.

Segundo SAUL *apud*. LIMA (1999.p.69), o primeiro enfoque em relação a avaliação da aprendizagem que predominou no Brasil até meados dos anos 70, foi o que desenvolveu a concepção de avaliação sobre o controle do currículo e do planejamento buscando a medida quantitativa como uma manipulação matemática de dados.

Este mesmo autor fazia referência a uma invasão destas idéias no pensamento educacional brasileiro, na década de 70, as quais reportavam-se ao ideário programático behavioristas americano, que subordinava a avaliação a uma série de questões comportamentais que se desdobravam em tecnologia diversas, entre as quais a “*instrução programada*” e a prova objetiva.

O segundo enfoque sobre avaliação proposta por SAUL *apud*. Lima (1999, p.70) era o da avaliação curricular, novamente subordinando às mudanças ocorridas, nos, Estados Unidos, a respeito da avaliação escolar. A avaliação se igualava à medida do rendimento do aluno, numa tentativa de mensurar o comportamento centrado no educando, para abordar o currículo como elemento do processo avaliativo.

Entretanto, por volta de 1978 começaram aparecer trabalhos de uma ótica qualitativa e SAUL *apud*. LIMA (1999, p. 71) apresentou, o terceiro enfoque, sob a qual analisou a história da avaliação, no sistema educacional brasileiro demonstrando a necessidade de uma transformação estrutural, de um novo olhar, de novos paradigmas.

As correntes qualitativas passavam a questionar precisamente as limitações dos testes padronizados e buscavam uma melhor compreensão daquilo que o professor ensinava e do que o aluno aprendia.

Sem dúvida, SAUL *apud* LIMA (1999, p 70) apontou o momento histórico onde estas idéias dominaram o pensamento educacional brasileiro e, embora com alguns acréscimos, com a geração de novos elementos, pode-se dizer que permanecem até os nossos dias questionamentos do tipo:

- As escolas utilizam diferentes instrumentos de avaliação?

- As notas e as provas devem ser abolidas?
- Serão as notas ou os conceitos a melhor forma de informação e registrar os avanços dos alunos?
- O que pode ser feito para ajudar o aluno enriquecer sempre mais seu saber transformando-o num saber crítico e competente?
- Como revitalizar a avaliação na escola?

Estas questões auxiliaram-nos a compor o nosso trabalho.

CAPÍTULO 2

OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO EM DIFERENTES CONCEPÇÕES DE ENSINO

A "*Pedagogia tradicional*" é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria. A metodologia decorrente de tal concepção baseia-se na exposição oral dos conteúdos, numa seqüência predeterminada e fixa independentemente do contexto escolar onde enfatiza-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos.

Essa pedagogia dá ênfase na memorização e faz com que todas as atividades dependem do docente. Os problemas são distanciados da realidade do aluno e das suas necessidades concretas e imediatas.

Os instrumentos de avaliação utilizados são testes e provas com conteúdos mecânicos sem significado, o aluno desconhece o que está sendo avaliado e o momento da avaliação gera medo e ansiedade tornando o ambiente tenso e ameaçador.

Segundo SANNY (2000): "*O modelo tradicional de ensino, ao reduzir o aluno a escrivão dos "pontos" dos programas, segue caminho inverso: delimita e restringe a capacidade deste. É possível, no máximo, que possibilite ao professor*

enriquecer os seus próprios conhecimentos, através da prática narcísica de dar aula para si mesmo". (SANNY, 2000, p. 44)

A opção por um ensino marcadamente mais objetivo, técnico, que vislumbre no uso de recursos didáticos mirabolantes, a possibilidade de treinar habilidades específicas, conseguiu apenas desenvolver nos estudantes uma mentalidade lotérica, em que o saber ficou reduzido ao maior número de pontos em teses em que não exige o menor esforço de raciocínio. Do fracasso desses modelos é que vem surgindo, com maior ênfase nos últimos tempos, a necessidade de pensar uma nova proposta pedagógica cuja preocupação central seja a inteligência. E nesse contexto, que se coloca a importância de dar atenção à perspectiva construtivista.

De modo mais intenso, a partir de meados da década de 80, no Brasil, o construtivismo passou a ser objeto de estudos, debates e até mesma base teórica para as reorganizações do ensino, tanto do ponto de vista estrutural como também pedagógico.

Segundo SANNY/ (2000, p. 45), a implantação do chamado Ciclo básico na rede Estadual de ensino Paulista, em 1984, foi um exemplo. Para a autora hoje, a presença da nova proposta se faz sentir cada vez mais em todo o território Nacional. Entretanto, ela considera que a compreensão de seus fundamentos e, sobretudo, das conseqüências pedagógicas destes, e de seus pressupostos é ainda bastante precária entre os educadores. A decorrência natural desses desconhecimentos são equívocos graves de interpretações práticas desta teoria.

O construtivismo se propagou no Brasil principalmente por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, baseadas na teoria Piagetiana e no interacionismo de Vigotsky.

Para TELLES (1992):

“ O construtivismo não é apenas uma doutrina ou prática pedagógica, mas, mais de que tudo uma postura filosófica pois desde os filósofos gregos, principalmente Sócrates e uma série de educadores pregaram sempre o incentivo ao desenvolvimento do educando, através da experiência e da propulsão do seus espírito criativo e de sua capacidade cada vez maior, de pensar de maneira autônoma, em conjunto com seus parceiros sociais”. (TELLES, 1992, p. 74).

O construtivismo provoca um rompimento do estereótipo “professor x aluno que aprende”. A prática pedagógica passa a ser relacionada. Professor e aluno são dois seres que crescem juntos e instigam o desenvolvimento um do outro.

Na concepção construtivista, a avaliação é diferenciada da tradicional, pois vários procedimentos técnicos e instrumentos fáceis de aplicar nas aulas, são utilizados pelos professores, porém não basta avaliar só a sua própria atuação, seu planejamento e a aplicação do mesmo.

Essa concepção oferece ao professor um referencial para analisar e fundamentar muitas das decisões que são decididas no planejamento e no decorrer do ensino, por exemplo: elaborar instrumentos de avaliação coerentes com o que se ensina. O aluno com isso pode contar com determinadas capacidades cognitivas gerais, ou com vários níveis de inteligência, raciocínio e memória que lhe permitirão um determinado grau de compreensão e realização nas atividades propostas.

De acordo com TELLES (1992):

“O construtivismo é, sem dúvida, uma verdadeira revolução na educação tradicional. Entretanto, a sua má compreensão e a informação deficiente e inadequada dos educadores ameaça levar a escola ao caos total. Além disso, a verdade é que a maioria das escolas que se dizem construtivistas continuam adotando os métodos já superados de posição autoritária e repressiva. (TELLES, 1992, p. 75).

De acordo com as abordagens tradicionais e construtivistas feitas pelos autores citados, percebemos que na pedagogia tradicional, a avaliação é realizada visando a exatidão da reprodução do conteúdo que é imposto pelo professor na sala de aula e as notas obtidas funcionam como uma exigência formal do sistema educacional.

Enquanto que na pedagogia construtivista, embora obedecendo a exigência das notas impostas pelo sistema educacional, procura-se obter as mesmas de formas diversificadas, avaliando os alunos de vários ângulos onde os mesmos constroem o conhecimento em interação com o seu ambiente, durante um longo processo. Esse tipo de pedagogia, quando aplicada de maneira correta entre professor e aluno, ambos participando do processo de avaliação, possibilita ao educando a tomar consciência do seu saber resgatando sua auto-estima que é um fator importante na sua aprendizagem.

CAPITULO 3

METODOLOGIA

3.1 – Procedimentos Metodológicos

Para a realização desta pesquisa foram aplicadas 7 entrevistas para professores. O critério de aplicação foi a formação da professora e o tempo de atuação no magistério.

Foram selecionados 7 professores de escolas públicas, sendo que 3 estão em formação no Curso Intensivo de Pedagogia pela UNEB, 2 em formação no magistério e 1 professora da escola Particular.

A idéia inicial era comparar como as professoras lidam com os instrumentos de avaliação.

3.2 - Instrumentos utilizados

Optamos por utilizar entrevistas, onde foram coletados depoimentos orais, através de um roteiro pré-estabelecido, o qual encontra-se em anexo. Segundo QUEIROZ (1998):

“depoimento é o relato de algo que o informante realmente presenciou, experimentou, ou de alguma forma conheceu podendo assim certificar. O crédito a respeito do que é narrado será testado não pela credibilidade do narrador, mas pelo cotejo de seu relato como dado

oriundos de outras fontes, que mostrará sua convergência ou não". (QUEIROZ, 1998, p. 21)

Não encontramos nenhuma resistência, por parte das entrevistadas. Combinamos horários e locais para serem realizados as entrevistas. Na medida em que eles respondiam, nós registrávamos, escrevendo suas respostas. As mesmas tiveram preocupação em nos pedirem para reler as suas citações, fazendo algumas modificações, quando necessário.

Decidimos manter só as iniciais dos nomes das professoras para preservar suas identidades.

3.3 – Caracterização das Escolas

Para a realização da pesquisa é preciso conhecer as escolas, segundo ANDRÉ (1995):

"Conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia-a-dia aprendendo as forças que impulsionam ao que a retém identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e atuação de cada sujeito nesse complexo internacional onde ações e conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados.
(ANDRÉ, 1995, p. 41).

1 – A Escola Municipal do Ensino Fundamental "Escola Municipal Darci Ribeiro", localiza-se no Indaí Distrito de Mundo Novo foi fundada em 1951, com apenas

duas salas de aula, dois banheiros um pátio, em 1952 foi inaugurada. A oferta do Ensino Fundamental teve como objetivo atender “a clientela escolar do Distrito e de localidades vizinhas”.

Esta escola atende 101 alunos aproximadamente, distribuídos em duas turmas de 1ª série, uma de 2ª série, e uma de 3ª série.

O horário de funcionamento da escola se dá em dois turnos, sendo uma turma de 1ª e uma da 2ª série, no turno matutino das 08:00 às 12:00 e uma turma de 1ª série e outra de 3ª série no turno vespertino, das 13:00 às 17:00.

Neste trabalho, esta escola será denominada “Escola A”.

2 – A Escola Particular do Ensino Fundamental. “Escola Castro Alves” localiza-se na rua Ministro Francisco Sá n.º 24, foi fundada em 1967 com seis salas, três banheiros, uma diretoria, dois pátios, um parque e uma biblioteca, sendo inaugurada no mesmo ano.

A oferta do Ensino Fundamental teve como objetivo atender a clientela escola da mesma localidade e localidades vizinhas.

Esta escola atende aproximadamente 290 alunos distribuídos em uma turma de jardim 1, uma turma de jardim 2, uma turma de alfabetização, uma de 1ª série, uma turma de 2ª série, uma de 3ª série e uma de 4ª série.

O horário de funcionamento da escola se dá em dois turnos sendo do jardim 1 à 4ª série pela manhã das 8.00h às 12.00h e do Jardim 2 à 4ª no turno da tarde das 13:00 às 17:00.

Neste trabalho esta escola será denominada “Escola B”.

3 – A Escola Municipal do Ensino Fundamental “Escola Municipal Carlos Barreto Araújo”. Localiza-se no povoado de Barra - Mundo Novo. Foi fundada em 1982 com três salas, quatro banheiros, uma secretaria, uma cantina e um pátio, sendo inaugurada no mesmo ano. A oferta de Ensino Fundamental teve como objetivo atender a “clientela do povoado e moradores de chácaras e fazendas vizinhas”.

Esta escola atende aproximadamente 120 alunos distribuídos em uma turma de 1ª série, duas de 2ª série, uma de 3ª série e uma de 4ª série.

O horário de funcionamento da escola se dá em dois turnos; uma turma de 1ª série, uma de 2ª série, e uma de 3ª série, no turno matutino, das 8: 00 às 12: 00 e uma turma de 2ª série e uma de 4ª série no turno vespertino, das 13: 00 às 17 00.

Neste trabalho, esta escola será denominada “Escola C”.

4 – A Escola Estadual do Ensino Fundamental, “Escola Antônio Ângelo de Lima”, localiza-se na Praça Jairo Moreira de Almeida, foi fundada em 29 / 10 / 70 contendo quatro salas de aula, uma sala para os professores, uma diretoria, um pátio e uma biblioteca. A oferta do Ensino Fundamental teve como objetivo atender a “clientela do Município de Mundo Novo”.

Esta escola atende 330 alunos distribuídos em uma turma de 1ª série, duas turmas de 2ª série, três turmas de 3ª série, duas de 4ª série, uma turma de aceleração I estágio 1 e outra de aceleração II estágio 2, das 19: 00 às 22: 00.

Esta escola será denominada “Escola D”.

5 – A Escola Municipal do Ensino Fundamental “Escola Antônio Carlos Magalhães”, foi fundada em 1976 e inaugurou no mesmo ano em 1998 foi reformada contendo agora cinco salas de aulas, nove banheiros, sendo um para os funcionários, uma secretaria, uma biblioteca, um pátio, uma cantina. A oferta do Ensino Fundamental teve como objetivo atender a “clientela escolar da Vila ACM e moradores de chácaras e fazendas vizinhas”.

Esta escola atende aproximadamente 250 alunos distribuídos em três turnos sendo quatro turmas de 1ª série, três turmas de 2ª série, duas turmas de 3ª série e uma turma de 4ª série.

As turmas estão distribuídas em cada turno da seguinte forma: duas turmas de 1ª série, duas turmas de 2ª série e uma turma de 3ª série, no turno matutino das 8: 00 às 12: 00, duas turmas de 1ª série, uma turma de 2ª série, uma turma de 3ª série e uma de 4ª série que funciona no turno vespertino das 13: 00 às 17: 00, duas turmas de alfabetização de jovens e adultos no turno noturno, das 19: 00 às 22: 00.

Esta escola será denominada “Escola E”.

3.4 – Caracterização das Professoras

1 – A professora R. A. Matos, 42 anos, residente em Indaí Distrito de Mundo Novo, está cursando o magistério, porém atua na Educação há vinte e dois anos. Trabalhou dois anos com sala de alfabetização, três anos com a 1ª série, cinco anos com a 2ª série e dois anos com a 4ª série. No momento trabalha com a 3ª série na Escola Municipal Darci Ribeiro situada no Indaí Distrito de Mundo Novo – BA.

2 – A professora R. L. M. de Almeida, 35 anos, residente em Indaí Distrito de Mundo Novo, é formada em magistério e está cursando o último semestre de Pedagogia, Habilitação nas séries iniciais do ensino fundamental, onde iniciou sua trajetória profissional. Trabalhou com classe multisseriada por quatro anos, três anos com a 1ª série e atualmente trabalha com a 2ª série na Escola Darci Ribeiro no Indaí Distrito de Mundo Novo – BA.

3 – A professora J. N. Queiros, 31 anos residente na cidade de Mundo Novo, é formada em magistério e está cursando o último semestre de Pedagogia, habilitação nas séries iniciais do ensino fundamental. Iniciou sua trajetória profissional na educação em 1985 com o projeto PEI, trabalhou com alfabetização de jovens e adultos pelo método Paulo Freire durante dois anos, em 1987 participou do Projeto Recriação (Amparo a meninos de rua) anexo a sala de aula. Ingressou na escola particular Meu Sonho, hoje Centro Educacional Santo Agostinho (CESA), onde trabalhou durante um ano com 2ª série, coordenou de 1ª a 4ª série no período de cinco anos e também secretariou a escola citada durante dez anos. Ingressou na área pública educacional em 1996 na qual está até hoje trabalhando com 1ª série na Escola Municipal Carlos Barreto Araújo, situada no Povoado de Barra – Mundo Novo.

4 – A professora D. M. B. de Oliveira 55 anos residente na cidade de Mundo Novo é formada em magistério há 35 anos. Iniciou sua trajetória profissional trabalhando cinco anos com admissão ensinando as matérias, Matemática e

História, trabalhou também de 1ª a 4ª ginásial lecionando história (hora aula) na escola pública. Trabalhou com alfabetização e 4ª série há trinta anos na escola particular Castro Alves situada na rua: Ministro Francisco Sá – Mundo Novo – BA.

5 – A professora A. M. F. de Souza, 39 anos, residente na cidade de Mundo Novo é formada em magistério, iniciou sua trajetória em 1986 onde trabalhou quatro anos na creche e de 1ª série a 4ª série na área educacional municipal. Em seguida passou a trabalhar na Escola Estadual Antônio Ângelo de Lima onde trabalhou sete anos na 4ª série. Atualmente trabalha com CBAI e 4ª série na mesma escola citada, situada na Praça Jairo Moreira de Almeida – Mundo Novo – BA .

6 – A professora M. A. Santos, 33 anos, residente na cidade de Mundo Novo é formada em magistério e está cursando o último semestre de Pedagogia, habilitação nas séries iniciais do ensino fundamental. Iniciou a trajetória profissional em 96, trabalhou dois anos com 1ª série, um ano com a 2ª série, um ano na 3ª série e atualmente trabalha com alfabetização de jovens e adultos na Escola Municipal Antonio Carlos Magalhães situada na vila ACM.

7 – A professora M. R. S. Araújo 54 anos, residente na cidade de Mundo Novo. Está cursando o magistério, porém atua na educação há 17 anos; em toda sua trajetória trabalha com alfabetização na Escola Antonio Carlos Magalhães, situada na vila ACM – Mundo Novo – BA.

Como pode-se perceber, as professoras seleccionadas tinham perfis variados: umas já tinham nível superior e outras estão em curso. A maioria também possuía mais de dez anos no magistério.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

Uma vez que caracterizada as escolas e as professoras entrevistadas, procede-se o levantamento dos relatos dos sujeitos sobre a importância da utilização dos diferentes instrumentos avaliativos.

Para a realização da análise qualitativa dos dados selecionou-se algumas categorias que foram:

- Utilização dos diferentes instrumentos avaliativos;
- A prática avaliativa em diferentes concepções;
- O descaso do Estado em relação a Educação;
- O descuido dos pais com a educação de seus filhos.

4.1 A utilização dos diferentes instrumentos avaliativos

Analisamos as entrevistas e percebemos que, apesar das professoras terem conhecimento dos diferentes instrumentos de avaliação, ainda continuam priorizando os instrumentos avaliativos como testes e provas.

A maior parte das práticas avaliativas estão limitadas a testes e provas com momentos determinados para acontecer e tem a função de estabelecer a classificação do aluno.

Conforme relato da professora R. A. Matos. (Set. 2001 – “Escola A”):

... “É através das provas que teremos as notas e sabemos se o aluno aprendeu o que foi cobrado...”

Essa prática continua enraizada em nossas escolas e alguns professores são resistentes em mudar a forma de avaliar por insegurança e também por terem medo de perder o poder e a autoridade.

Segundo LUCKESI (1999) : “a prática avaliativa que conhecemos é herdeira da época do momento histórico da cristalização da sociedade burguesa que se constitui pela exclusão e marginalização de grande parte dos elementos da sociedade”. (LUCKESI, 1999 p. 169).

È necessário que seja feito um trabalho de conscientização que venha possibilitar os professores a utilizarem instrumentos avaliativos diversificados, permitindo assim, o professor a conhecer as várias competências dos alunos.

Porém, não adianta, só mudar os instrumentos, mas também, a sua concepção avaliativa. Sabemos que não adianta ter uma prática nova e uma concepção antiga. É preciso perceber que tem que mudar a pratica e as concepções, ambas precisam caminhar juntas para que se tenha uma aprendizagem de qualidade.

4.2 A prática avaliativa em diferentes concepções

Observamos que em sua maioria, as professoras conhecem o construtivismo de maneira deturpada, outros ainda estão “engatinhando” ou seja, estão à caminho da mudança, enquanto que, uma parte significativa, não tem conhecimento algum desta concepção de ensino.

Essas afirmações foram constatadas nos depoimentos de algumas professoras:

...“As avaliações tradicionais exigem mais dos alunos, a avaliação construtivista deixa o aluno à vontade. Ele não tem bom aprendizado, pois passa a descobrir os erros mais tarde”... (D. M. B. de oliveira. Set. 2001 – “Escola B”).

...“Nas escolas tradicionais as avaliações serviram para objetivos que não, mas são contemplados na sociedade de hoje. As avaliações construtivistas acontecem lentamente e quando acontecem corre o risco de ser mau interpretado. Visto que na avaliação tradicional da qual vivenciamos muitos anos está presente elementos que estruturam ou “justificam” a aprendizagem dos alunos através de um boletim, um diploma, em fim da vida escolar, a avaliação tradicional contribui para classificar, excluindo os que menos sabem e taxando a minoria de intelectuais, a avaliação construtiva pretende contribuir para cidadania do ser humano “... (J.N. Queiroz. Set. 2001 – “Escola C”).

...“Continuo achando que o tradicional é o que prevalece; mesmo porque nós não temos pessoas para nos orientar o que é o construtivismo...” (A. M. F. De Souza. Set. 2001 – “Escola D”).

De acordo com Piaget, ser construtivista não é deixar o aluno livre, acreditando que evoluirá sozinho. Nesse processo, o professor tem papel fundamental. Piaget ainda afirma que o professor deve respeitar o nível de desenvolvimento das crianças. Não se pode ir além de suas capacidades nem deixá-las agir sozinhas.

Percebeu-se que apesar, de um número de professores ainda estão desatualizadas quando as novas concepções pedagógicas, mas que, a maioria à sua maneira, tem procurado desenvolver um trabalho que venha contribuir com a construção da cidadania.

4.3 O descaso do Estado em relação à educação

É importante também colocarmos em pauta a falta de compromisso do Estado em relação à educação, as entrevistas relatam esta questão como pode-se verificar nos seguintes trechos:

... "Acho que o governo pensa mais em número e na nota e não verifica se o aluno aprendeu o que foi proposto a ele, o governo quer colocar o Brasil em primeiro lugar em melhoria da educação, mas não dá condições para que essa melhoria aconteça..." (R.L. M. de Almeida. Set. 2001 – "Escola A").

...“Acho a proposta do governo em relação a avaliação, prejudicial para o aluno. Para o professor a situação é mais difícil ainda, visto que é ele que tem que apresentar conta dos objetivos exigidos durante o ano letivo”... (M. R. S. Araújo. Set. 2001 – “Escola E”).

De acordo com LUCKESI, (1999): “ O sistema social não demonstra estar tão interessado em que o educando aprenda, a partir do momento em que investe pouco na educação. Os dados estatísticos educacionais estão aí para demonstrar o pequeno investimento, tanto do ponto de vista financeiro quanto do pedagógico, na efetiva aprendizagem do educador.” (LUCKESI, 1999, p. 99)

Apenas uma professora está de acordo com a política do governo em relação a educação, como podemos constatar em seu depoimento:

...“Pelo que eu entendi a proposta do governo está voltada para o progresso continuado do aluno e buscando o avanço do mesmo em seu aprendizado escolar...” (M. A. dos Santos, Set. 2001 – “Escola E”).

Mas questionamos: Será que o governo tem atribuído o devido valor à educação? O que está bem claro é que existe uma preocupação do governo em apresentar um índice elevado de aprovação e o que vemos são alunos concluindo o ensino médio, incapazes de “lerem o mundo criticamente”.

4.4 O descuido dos pais com a educação de seus filhos.

Em nossas escolas, constatamos que existe um grande número de pais descompromissados com a educação dos filhos. Essa constatação fica bem evidente no relato de um das entrevistadas quando diz:

...”O que é necessário nas escolas públicas é a participação dos pais; nas escolas particulares há uma grande cobrança...” (D.M.B. de Oliveira. Set.2001 – “Escola D”).

Recentemente, o governo criou o programa BOLSA ESCOLA que supõe ser a solução para a evasão escolar. Este programa induz os pais mandarem seus filhos constantemente para a escola, mas o que constatamos é que grande parte desses pais simplesmente está interessada nos míseros R\$ 15,00(quinze reais) principalmente por causa da situação financeira em que vivem, mas não tem um real compromisso com a aprendizagem de seus filhos.

Ao longo de nossa prática em sala de aula sentimos essas dificuldades, pois infelizmente os pais continuam distanciados, o que de uma forma implícita compromete a educação de seus filhos.

É necessário que tanto o sistema social como os pais compreendam o seu próprio papel na educação e não deixar que o professor seja o único responsável neste processo.

É importante também ressaltar que os educadores necessitam romper com os velhos hábitos concernentes à avaliação, e que possam aplicar uma avaliação mais justa, mais digna e humana.

Agindo dessa forma a prática avaliativa se tornará mais coerente com a preocupação dos professores com o desenvolvimento da formação humana, da cidadania e construção do conhecimento dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a avaliação deve acontecer de maneira diversificada tanto em relação à forma dos instrumentos, quanto à atitude para com os sujeitos que são submetidos às avaliações. A avaliação é um elemento – chave de todo o processo de ensinar e aprender e precisa transformar-se num fato habitual e cotidiano.

Para que isto aconteça é necessário destacar que a avaliação seja contemplada por vários setores. Esse processo tem que envolver toda a comunidade num esforço coletivo e participativo, pois a verdadeira construção do saber se dá coletivamente.

Mas, para que essa participação aconteça é preciso que o governo conceda espaços nas diversas áreas, promovendo cursos de aperfeiçoamento que ofereçam subsídios para que os educadores adquiram melhores condições de lidar com a realidade de seus alunos, e a partir desse conhecimento construam métodos e técnicas de como avaliar os mesmos, mas do que tudo é preciso que saibam como interpretar a realidade.

O embasamento teórico deste trabalho proporcionou-nos uma maior segurança sobre o assunto, onde o fazer pedagogia não será mais o mesmo. A partir desse momento, ter-se-á algo a mais em contribuição a desafiar outros educadores a reencontrarem, na prática avaliativa diversificada, um suporte para a formação de cidadãos críticos e transformadores da sociedade.

Consideramos importante deixarmos como mensagem e reflexão as palavras de Frederick Moffett, *apud*. SANT' ANNA (1999, p.132) sobre como a criança aprende:

“Assim é que a criança aprende, captando as habilidades pelos dedos das mãos e dos pés, para dentro de si. Absorvendo hábitos e atitudes dos que a rodeiam, empurrando e puxando o seu próprio mundo. Assim a criança aprende, mais por prazer do que pelo sofrimento; mais pela experiência do que pela sugestão e dissertação; e mais por sugestão do que por direção. E assim a criança aprende pela afeição, pelo amor pela, paciência, pela compreensão, por pertencer, por fazer e por ser.

Dia a dia a criança passa a saber um pouco do que você sabe, um pouco mais do que você pensa e entende. Aquilo que você sonha e crê é, na verdade, o que essa criança está se tomando. Se você percebe confusa ou claramente, se pensa nebulosa ou agudamente, se acredita tola ou sabiamente, se sonha sem graça ou dourados, se você mente ou diz a verdade é assim que a criança aprende”.

Frederick Moffett

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. **Etnografia na Prática Escolar**. Campinas, SP: Editora Papirus; 1995.
- GENTILE, Paola Avaliar Para Crescer. In: **Revista Nova Escola** SP. Fundação Civita, Dezembro 2000, pág. 46 – 53.
- HADJI, Charles. A coragem de ousar. In: **Revista Nova Escola** SP. Fundação Civita, Dezembro 2000, pág. 48.
- HOFFMAN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-Escola a Universidade**. Porto Alegre. Editora Mediação; 15ª edição, 1999.
- LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação Escolar: Julgamento x Construção**. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 1998.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo, SP: Editora Cortez, 9ª Edição, 1999.
- SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que Avaliar? : Como Avaliar? : Critérios e Instrumentos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 4ª Edição 1999.
- SANNY, S. da Rosa. **Construtivismo e Mudança**. São Paulo, SP: Editora Cortez, 7ª Edição, 2000.
- TELES, Maria Luiza Silveira. **Educação: A Revolução Necessária**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes 3ª Edição Ampliada, 1997.
- WERNECK, HAMILTON. **Prova, Provão, Camisa de Força da Educação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 3ª Edição, 1997.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: Como Ensinar**. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 1998.

ANEXOS

ANEXO I

ENTREVISTA

- 1 - Qual o seu nome?
- 2 - Sua idade?
- 3 - Qual a sua formação?
- 4 - Há quanto tempo trabalha na educação?
- 5 - O que significa avaliar para você na vida, na escola?
- 6 - O que você acha destas propostas de avaliação que o governo tem exigido as professoras das escolas públicas?
- 7 - Como você avalia seus alunos?
- 8 - O que você acha da forma como eram realizadas as avaliações antigamente e atualmente nas escolas públicas? Justifique:
- 9 - Qual a sua opinião em relação as avaliações das escolas tradicionais e das construtivistas? E o que elas contribuem para os alunos?
- 10 - Qual o papel da escola e do professor na avaliação dos alunos?
- 11 - Na sua opinião as notas e as provas deverão ser abolidas?
- 12 - As escolas utilizam diferentes instrumentos de avaliação?
- 13 - Serão as notas ou os conceitos a melhor forma de informar e registrar os avanços dos alunos? Justifique:

14 – O que pode ser feito para ajudar o aluno a enriquecer sempre mais seu saber transformando-o num saber crítico e competente?

15 – Como revitalizar a avaliação na escola?